

O DESENVOLVIMENTO DA ARQUITETURA MILITAR NA PALESTINA DURANTE OS SÉCULOS XII E XIII: O ESTUDO DE CASO DO CASTELO DE ARSUR

Edison Bisso Cruxen

Para melhor compreensão do texto aqui desenvolvido, referente ao Castelo de Arsur, primeiro será realizada uma pequena explicação dos principais tipos arquitetônicos de castelos na Palestina, do século XII e XIII. Assim como também as diferentes “fases de segurança” dos Estados Latinos, durante o processo das Cruzadas, que influenciaram diretamente na modificação e aperfeiçoamento da arquitetura militar medieval no Oriente.

A CLASSIFICAÇÃO GERAL POR ESTILO ARQUITETÔNICO, FASE DE CONSTRUÇÃO E FUNÇÃO DOS CASTELOS NA PALESTINA DOS SÉCULO XII E XIII

A arquitetura militar medieval passou por um processo de aperfeiçoamento desde os castelos com torreões de madeira, sobre um promontório artificial e cercados por paliçadas, até os castelos feitos em rocha, com baluartes “estrelados”, projetados cuidadosamente para resistirem ao ataque de artilharia pesada. Os engenheiros militares pós-medieval desenvolveram desenhos complexos de planos angulares, feitos de pedra, os mais apropriados tanto para disparar como para defender armas de fogo. Exemplo disso é o plano da cidadela de Lille, do século XVIII, desenhada por Vauban (1633-1707) (Cairns: 1992, 49).

Para classificação geral do estilo arquitetônico dos castelos construídos na Palestina nos séculos XII e XIII, serão utilizadas as tipologias empregadas por Adrian Boas (1998), Hugh Kennedy (1994), Meron Ben-

Edison Bisso Cruxen é Arqueólogo da equipe do Projeto Apollonia, membro correspondente do Núcleo de História Antiga IFCH-UFRGS, Doutorando do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra/Portugal.

venisti (1970), Marshall (1992) e Robin Fedden (1950). Os cinco autores utilizam em seus trabalhos a mesma classificação de três estilos arquitetônicos para as fortalezas dos reinos francos. Kennedy, Benvenisti e Marshall, em suas classificações, concordam com Boas (1999: 154): “com o risco de uma grande simplificação, nós podemos dividir os castelos francos dentro de três tipos principais: a torre fortificada ou *keep*; o castelo courtyard ou *castrum* e o castelo de escarpa ou *spur*.”

Para Fedden (1950), existem quatro classificações: a torre fortificada, o castelo concêntrico, os bastiões estratégicos e as fortificações costeiras. As torres fortificadas são estudadas por esse autor, junto como os primeiros castelos *castrum*, que foram construídos dentro de muralhas de antigas fortificações romanas e bizantinas. Conforme Benvenisti (1970:286), a maioria dos castelos cruzados eram construídos sobre as ruínas de estruturas antigas, reaproveitando-as o máximo possível. Um ditado, comum na época, era que “uma fortaleza destruída está construída pela metade”. Fedden só considera o surgimento do castelo *castrum* quando a torre fortificada se torna concêntrica, ou seja, quando ganha uma segunda linha de cortina e aparecem as primeiras torres de menagem circulares, na segunda metade do século XII. Os bastiões estratégicos de Fedden correspondem diretamente aos castelos de escarpa (*spur*), assim denominado pelos outros autores, construídos no século XIII. O quarto estilo de castelo, as fortalezas de cidades costeiras, embora não seja trabalhado a parte pelos outros autores, realmente parece ter sido a última fase de construções dos francos. Nesta enquadra-se o castelo de Arsur.

Considerando-se que as formas adquiridas pela arquitetura militar está diretamente ligada ao contexto das Cruzadas, pode-se relacionar os três estilos arquitetônicos com as três fases de segurança dos reinos cruzados na Terra Santa, definidos por Ellenblum (1996). A primeira fase foi de conflitos intensos entre muçulmanos e cristãos; a segunda, onde os reinos francos são moldados e consolidados, é uma fase de “tranqüilidade”, devido à superioridade bélica dos cruzados; na terceira a superioridade franca deixa de existir e eles passam a recuar no território. Uma simples definição dessas três fases poderia resumir-se em invasão, estabelecimento e recuo, dos francos no Levante.

O surgimento de um estilo não impossibilitou a utilização ou existência dos outros. A torre fortificada (*keep*) é “instalada” na Palestina em uma fase de invasão, e continuou a ser utilizado durante a fase de estabelecimento dos francos no Reino Latino, momento em que o estilo *castrum* assume predomínio arquitetônico militar; ambos continuaram a ser

utilizados (mesmo oferecendo menos segurança) no momento em que os francos buscaram lugares de difícil acesso para construir o castelo de escarpa (*spur*), em uma fase de busca de abrigo.

Castelos com fortificações pesadas e passivas, como o keep, não foram construídos somente no século doze. O keep de Monfort, por exemplo, foi certamente construído depois de 1226. Durante o século treze os latinos reconstruíram, vários castelos de princípio concêntrico (...). (Marshall: 1992, 100)

Devido a grande fusão de diferentes estilos (europeu, muçulmano, bizantino, armênio e “franco-oriental”), dois castelos cruzados, do mesmo estilo e da mesma fase de construção, nunca são exatamente semelhantes. T. E. Lawrence (1988, 37), chama o castelo cruzado de “uma série de exceções para uma regra não descoberta”.

Para tornar mais compreensível, neste texto, os três estilos arquitetônicos de castelos, *keep*, *castrum* e *spur*, assim denominados na bibliografia inglesa, serão aqui tratados respectivamente pelas denominações de torre fortificada, *castrum* e castelo de escarpa, que definem corretamente essas fortificações em português.

1. Torre Fortificada

Para Ellenblum, há um “primeiro período de segurança” nos reinos francos, entre 1099 até 1125, quando as confrontações militares entre cristãos e muçulmanos eram quase incessantes. Nesse primeiro estágio os francos construíram suas fortalezas, principalmente, em locais centrais que já existiam antes da sua conquista na Palestina, devido à sua falta de segurança e sua inferioridade demográfica. Para poderem dominar o território recentemente invadido, necessitaram construir torres fortificadas, que serviam como postos de observação do avanço das forças muçulmanas. Estas torres, podiam ser guarnecidas por um pequeno número de homens e eram fáceis de ser construídas. As tropas e exércitos cruzados permaneceram nas cidades dominadas e refortificadas (Ellenblum: 1996, 518-520).

A torre fortificada era o menos sofisticado dos castelos cruzados. Definido por uma torre de pedra, fortificada, quase sempre construída em um promontório artificial, cercado por muro e fosso. Esse tipo de fortificação, por ser básica e de fácil construção, serviu para os cruzados, em um primeiro momento de invasão e expansão, como a principal arquitetura militar para dominação de territórios na Palestina (Boas 1998:154).

2. *Castrum*

O castelo *castrum* em latim, ou *tetrapyrgion* em grego, tinha uma estrutura simples, baseado na estrutura das *castra* romanas. Consistia meramente de um complexo quadrangular de muralhas, com quatro torres defensivas, uma em cada canto; posteriormente foram adicionadas torres intermediárias, colocadas em distância regular ao longo da muralha¹. As construções ficavam ou apoiadas no lado interno dos muros ou no centro do pátio. Os francos reocuparam os castelos, desse tipo, que eles acharam não muito arruinados (Kennedy 1994:17), “a escolha da forma *castrum* era um reflexo da necessidade para uma rápida construção” (Marshall 1992:100).

A maioria dos *castra* foram construídos no século XII, principalmente entre 1130 e 1170 (Benvenisti: 1970, 282). O período indicado por Benvenisti (1970), para construção dos *castrum* (entre 1130 e 1170), o segundo estilo arquitetônico dos castelos francos, corresponde ao segundo período de segurança dos Reinos Latinos de Ellenblum (1996). Este segundo estilo de construção militar (*castrum*), representa para Ellenblum (1996) um segundo período de segurança do Reino Latino, de 1125 à 1169, onde há poucos confrontos de grandes proporções entre cristãos e muçulmanos; conforme o autor, é um período de paz e consolidação dos Reinos Latinos, devido a força militar franca.

O *castrum*, mesmo sendo simples em sua forma, oferecia muita segurança, principalmente quando concêntrico. Isso fez com que os francos o tomassem o tipo mais comum de arquitetura militar na Palestina, representando uma fase de estabelecimento e manutenção de poder. Os cruzados aumentaram a escala das fortalezas *castrum* romanas e bizantinas, que tinham sido reaproveitadas (Kennedy 1994:15). A força do *castrum* não se baseava apenas nos seus muros de pedra e instalações defensivas. Ele não era uma fortaleza onde seus defensores apenas protegiam-se dos ataques atrás dos muros. A concepção tática dos castelos cruzados na Palestina, no século XII, era de “defesa ativa”, serviam como bases de ataque e concentração da cavalaria, para investidas no território.

3. *Castelo de Escarpa*

Ellenblum (1996:524-526) tem em seu terceiro período da situação de segurança uma fase em que a superioridade militar franca decresce progressivamente. Tendo suas origem em 1141, com a queda de Edessa, agravando-se e tendo o início propriamente dito em 1169 com a ofensiva de Saladino, e terminando em 1187, com Hattin, momento crítico para

segurança dos reinos francos. Nesse terceiro período, compreendido entre 1170 e 1187, ocorre uma fase de reconstrução e refortificação dos castelos existentes:

As fortalezas que foram construídas nesse período (terceiro período) eram capazes de ser defendidas por um longo tempo contra ataques inimigos... e também influenciaram as fortificações francas do século XIII (Ellenblum, 1996: 529; grifo meu)

Desperta a atenção o fato de Ellenblum ter escrito que a arquitetura militar do terceiro estágio (1170-1187) influenciou a construção das fortalezas do século XIII (castelos de escarpa), mas sem colocar estas novas fortificações como um estágio a parte ou explicá-las. O autor não trabalha com o momento posterior a Hattin, onde se inicia um recuo efetivo dos cristãos no território do Levante, no século XIII, momento em que as fortalezas de escarpa passam a ser construídas.

Para Kennedy (1994) e Benvenisti (1970), a terceira fase de construções de castelos na Palestina inicia após a derrota de Hattin, o que deveria ser considerado, para Ellenblum, uma quarta fase de estado de segurança. A fase compreendida entre 1141 e 1187, para Kennedy e Benvenisti, enquadra-se no segundo período da arquitetura militar franca, dominado pelo castelo *castrum*. Estes podem ter sido refortificados ou construídos nas fronteiras, mas nem por isso geraram um novo estilo arquitetônico. Para os dois autores, a fase pós-Hattin é o momento de implantação e consolidação de um novo estilo de arquitetura. O castelo de escarpa seria o estilo de fortificação do século XIII, que foi influenciada pela terceira fase de construção de castelos, explicada por Ellenblum.

Os terrenos onde os castelos de escarpa eram construídos eram longos e estreitos, portanto o seu comprimento era várias vezes maior que a largura, sua planta era totalmente irregular². Os muros exteriores eram construídos à beira dos penhascos, tornando o acesso ainda mais difícil. Esse terceiro tipo de castelo se baseava em uma noção de defesa passiva. Não tinha a função de servir de base de ataque, mas sim esperar ser atacado e resistir o máximo possível.

O castelo de escarpa representa a terceira fase de construção de fortalezas no Levante, iniciada após 1187, com a derrota de Hattin. Representa também a fase de maior desenvolvimento e complexidade arquitetônica dos castelos francos. Com a chegada ao poder dos mamelucos, em 1250, a ofensiva contra os francos é renovada, tendo agora o propósito de expulsão das últimas posses cruzadas da Palestina; estas, nes-

se período, aglomeravam-se na planície costeira. Com isso, tem início uma última fase de construções de fortificações, que não se caracteriza por um estilo arquitetônico, como os anteriormente trabalhados, mas sim por sua localização junto ao mar e pelo período de extrema insegurança em que se encontram os últimos territórios habitados pelos francos. Esta fase inicia a princípios de século XIII e se estabelece progressivamente, conforme se agrava a “política de terra arrasada” de Baybars, levando a uma refortificação das cidades e castelos costeiros.

4. Fortificações de cidades costeiras e o caso de Arsur

Conforme Fedden (1950:18-19), a quarta e última fase de construção de castelos no reino dos francos, que se desenvolveu em meados do século XIII, é representada pela construção de fortalezas no litoral da Terra Santa. Foi em uma fase em que os cruzados lutavam não mais pela manutenção da fronteira leste ou do interior, mas sim uma última tentativa de manter o controle de alguns locais da costa, por onde mantinham contato com o Ocidente.

É significativo, entretanto, da natureza diminuída do território cruzado, que no século seguinte, com exceção de Monfort, 1227–1229, o quartel general da Ordem Teutônica, poucos castelos novos de qualquer tamanho apareceram no interior. A ênfase agora mudou para fortificações na costa, na esperança de que portos inconquistáveis e o controle do mar permitisse que os francos mantivessem pelo menos a estreita planície costeira. (Fedden 1950:15-16)

Kennedy (1994:121) também afirma que os assentamentos francos, em meados do século XIII, ficaram limitados quase que exclusivamente às planícies litorâneas, onde as defesas e castelos foram refortalecidos. Uma vez que a maior parte da população concentrava-se na costa, em uma fase de expansão muçulmana, era lógico proteger o território que restava, principalmente, em se tratando do litoral, por onde os cruzados podiam manter o contato com o Ocidente.

Fedden (1950) define que os cruzados concebiam a cidade fortificada costeira como uma entidade dual, formada por uma cidade dentro de suas muralhas defensivas e de um castelo dentro dela. Os cruzados evitavam colocar a fortaleza no centro da cidade, construindo-a em um canto, permitindo acesso direto ao mar ou campo aberto. Desta maneira o castelo era tornado independente da cidade que defendia. Caso a cida-

de caísse, ele poderia continuar operando como uma unidade efetiva, comunicando-se e obtendo socorro das áreas adjacentes.

Segundo Fedden (1950:18), “poucas fortificações portuárias do Reino Latino conseguiram sobreviver. As cidades com as quais essas fortificações estavam associadas foram capturadas e recapturadas muitas vezes a partir do século XIII”. Com isso, o trabalho cruzado foi destruído, reconstruído ou sobreposto. Muito pouco das construções cruzadas permanecem das defesas de Tiro, Jafa, Beirute ou Acre que foram destruídas pelo sultão Baybars. Arsur também foi arrasada por Baybars, mas por outro lado torna-se um caso raro, pois parte considerável de suas estruturas, não apenas do castelo, mas também da cidade medieval, preservaram-se. Depois de sua destruição, a cidade não foi reocupada, ou reconstruída, permanecendo soterrada até o século XIX, quando foi redescoberta por Victor Guérin, possibilitando assim pouca perturbação em seus estratos arqueológicos.

A partir do início do século XIII, as cidades litorâneas do Levante passaram por um processo geral de fortificação. Como exemplo, temos Acre, que até o final do século XII era protegida por apenas uma linha de muralhas; no início do século XIII construiu mais uma muralha externa, trinta metros a frente da já existente, e torres a cada 50 m. Também foram construídos dois fossos, um externo e outro entre as duas muralhas (Benvenisti 1970:94). Ascalon foi destruída em 1187, mas em 1239 passou por uma reconstrução e refortificação; Theobaldo da Champagne e Ricardo da Cornualha construíram um castelo a beiramar, que passou em 1244 às mãos dos Hospitalários (Benvenisti 1970:120). Em 1251, Cesaréia foi refortificada por Luis IX, com um novo fosso amuralhado e novas muralhas com torres (Benvenisti 1970:138). Em 1218, foi construído, entre Acre e Cesaréia, o castelo de Atlit, que seria a última fortaleza cristã a ser destruída pelos muçulmanos, em agosto de 1291 (Benvenisti 1970:176). Ainda como exemplos de refortificações na costa dos reinos cruzados, durante o século XIII, pode-se citar: Beirute, 1197/1205; Tiro, 1212; Haifa, 1252 e Jafa, 1228/1253 (Ellenblum: 1996, 531-9).

No período em que a costa da Palestina está sendo fortificada, poucos castelos e cidades muralhadas continuam em mãos de particulares. Junto com a fase de ofensiva muçulmana, iniciada na segunda metade do século XII, pelos Aiúbidas do Egito, inicia-se também uma nova fase de posse das fortificações na Terra Santa. A insegurança e retração das forças cruzadas leva a uma transferência dos senhorios e castelos para as únicas instituições capazes de sustentarem e manterem fortificações

cada vez maiores e mais complexas, as Ordens Militares dos Hospitalários e Templários.

FASES DE POSSE DAS FORTIFICAÇÕES E O CASO DE ARSUR

Conforme Fedden (1950, 15), pode-se estabelecer dois períodos de posse para os castelos cruzados. O primeiro, que se estende da chegada dos francos à Terra Santa até a segunda metade do século XII, é quando as fortalezas construídas e mantidas na Palestina estão em mãos de “particulares” (senhores feudais e nobreza franca). O segundo, iniciado em meados do século XII, corresponde à tomada de posse de praticamente todas as fortalezas pelas ordens militares. Um dos primeiros castelos a ser apossado foi o de Ibelin, em 1141, pelos Hospitalários, logo após a queda de Edessa. Em 1166, haviam em mãos privadas apenas três castelos ao sul de Beirute.

Na segunda metade do século XII, fortalezas começaram a ser planejadas em tal escala que o senhor feudal comum dificilmente teria condições de suportar o custo de construí-las e equipá-las, assim a defesa da Terra Santa caiu progressivamente sob o comando das ricas ordens militares. (Fedden 1950, 15).

Kennedy (1994:61) também concorda com essa divisão de fases para os castelos cruzados. Conforme o autor, a tentativa de colonização franca foi mal sucedida, pois mesmo antes da derrota esmagadora de 1187, os pequenos donos de castelo estavam vendendo suas propriedades para a igreja e acima de tudo para as ordens militares. A segunda metade do século XII viu o fim do dono de castelo independente com uma força política de direito próprio. Somente os Templários e Hospitalários tinham condições de realizar grandes construções, através de rendas de terras, saques e tributos (Kennedy: 1994, 124). Os eventos de 1187 meramente confirmaram que os castelos simples não eram páreo para a guerra em grande escala do final do século doze e início do século XIII.

Este segundo estágio de posse de fortalezas pelas ordens militares corresponde diretamente ao terceiro estágio de segurança do reino franco, estabelecido por Ellenblum. Momento de insegurança, recuo e construção de fortalezas mais aperfeiçoadas. Thoros da Armênia, na década de 1160, teria dito a Balduino III:

Quando cheguei a sua terra e perguntei a quem pertenciam os castelos, as vezes recebia a resposta “este pertence ao Templo”; em outros locais me diziam “é do Hospital”. Não achei nenhum castelo, cidade ou vila, que diziam ser suas, exceto três. (Chronicle of Ernoul apud Kennedy: 1994, 32)

Após a derrota em 1187, os cruzados conseguiram reaver parte do território perdido através de acordos com os sultões aiúbidas, em 1229 e 1241. Estas aquisições e inclusive os próprios domínios costeiros foram tornando-se cada vez mais difíceis de ser mantidas pela nobreza laica e eclesiástica. As dificuldades aumentaram com o fim do poder dos aiúbidas, que haviam adotado uma atitude complacente em relação aos cruzados, na primeira metade do século XIII. A ascensão ao poder dos mamelucos e a sua política de agressividade, demonstrou a incapacidade econômica dos grandes proprietários para fazerem frente aos gastos com defesa (Ramos: 1995, 178).

O castelo de Arsur, foi construído em 1241 e até o ano de 1261 permaneceu nas mãos de particulares, sob domínio dos barões Ibelinos; em 1261 o castelo e todo o senhorio foram arrendados à Ordem Militar dos Hospitalários, que mantiveram o seu controle por apenas quatro anos, quando foi atacado e destruído em 1265 (Roll & Tal: 1999, 16).

Este dominio costeiro [Arsur], situado entre Jaffa y Cesarea, había pasado en 1207 a manos de una de las ramas del linaje Ibelin por matrimonio de Juan el Viejo, señor de Beirut, com Melisende de Arsuf. Tras la pérdida definitiva de Ascalón en 1247, el señorío, junto al condado de Jaffa, detentado por outro miembro de la familia, el jurista Juan de Ibelin, se convirtió en zona fronteriza expuesta al renovado vigor egipcio. La situación debió ser tan comprometida que en 1261 Balian cedió el control del dominio a la Orden del Hospital (Ramos: 1995, 190, grifo meu)

O castelo de Arsur representa uma exceção a estes dois estágios de posse, entre particulares e ordens militares, pois foi construído oitenta anos depois de ser iniciada a fase de posse de fortificações pelas ordens militares. De certa forma, pode-se dizer que Arsur passou pelas duas fases, a particular (sob os Ibelinos) e a das ordens militares (sob os Hospitalários). O período de oitenta anos de diferença para a construção do castelo de Arsur por particulares é bastante significativo, se levarmos em consideração que o reino franco no Oriente, durou ao todo cerca de du-

zentos anos. Pode-se especular a construção desse castelo, “fora de época”, tendo-se em vista que a família dos Ibelinos era a mais poderosa família baronial franca, possivelmente uma das poucas com condições de construir um castelo para proteger seu feudo, em um período tão adverso. Mesmo assim, não conseguiram manter o controle sobre o feudo por mais de vinte anos.

CLASSIFICAÇÃO ARQUITETÔNICA DO CASTELO DE ARSUR

Quanto à classificação arquitetônica de Arsur, pode-se definir que reúne características dos três estilos (torre fortificada, *castrum* e castelo de escarpa). Segundo Marshall (1992, 101), o castelo de Arsur foi construído sobre um promontório artificial, formado pela terra e rocha de *kurkar* retirados do grande fosso que cerca o castelo. Está é uma característica típica do primeiro estilo de arquitetura militar franca empregada na Terra Santa, a torre fortificada. Forma de defesa herdada dos primeiros castelos *Motte and Bailey*, construídos na Europa.⁴

Do castelo de escarpa temos que Arsur foi erigido no topo de uma colina, à beira de uma falésia de mais de trinta metros de altura, junto ao mar. O único lado do castelo que não estava protegido pelo fosso, era o oeste; mas neste lado, junto a borda da falésia, foram construídas muralhas. Estas são características típicas da arquitetura do castelo de escarpa, utilizada no século XIII. Atualmente as muralhas oeste encontram-se em ruínas, na beira da praia de Herzliya.

Do castelo *castrum*, Arsur apresenta sua disposição concêntrica (duas cortinas), o plano simétrico, pátio interno e externo, apenas uma entrada, portão fortificado por duas torres, sua localização em uma colina pouco íngreme e de terreno regular e torre de menagem (*donjon*) no pátio interno.⁵

Dos três estilos arquitetônicos trabalhados, o castelo de Arsur reúne mais características do estilo *castrum* concêntrico. Mas o formato de sua cortina externa, constituída por baluartes semicirculares salientes, é praticamente circular; sua cortina interna não forma um quadrado ou um retângulo, como era de se esperar em um *castrum*, mas sim uma estrutura poligonal.

A tipologia trabalhada neste texto, que corresponde a uma “evolução” da arquitetura militar na Palestina durante as Cruzadas, sofreu diversas transformações e adaptações, mesmo dentro de cada estilo, devi-

do aos diferentes materiais de construção, adaptados ao terreno e função da fortaleza. Esse é o momento apropriado para voltar a citar T. E. Lawrence: “o castelo cruzado é uma série de exceções para uma regra não descoberta”. Arsur é um caso claro dessas transformações e adaptações, pois mesmo podendo ser classificado como *castrum*, reúne em si características dos outros dois estilos e outras, tais como os baluartes semicirculares salientes. Isto vem a demonstrar que a arquitetura militar dos cruzados passou por fases de aperfeiçoamento, onde se preservaram as características eficazes para defesa, enquanto outras foram aperfeiçoadas ou suprimidas.

DEFINIÇÃO DE FUNÇÃO DEFENSIVA: DEFESA ATIVA OU PASSIVA E O CASO DE ARSUR

Nesta parte do presente trabalho serão trabalhados mais detidamente os conceitos de defesa ativa e passiva de uma fortaleza; o castelo de Arsur será classificado quanto a arquitetura e função.

Existen dos principales formas de defensa, la defensa pasiva y la defensa activa. La defensa pasiva consiste en resistir los golpes tratando de sufrir el menor daño posible. La defensa activa consiste en acosar al atacante para que sus golpes sean más débiles (Cairns: 1992, 17).

Os castelos podem ser definidos como ativos ou passivos não apenas por sua arquitetura, mas principalmente pela função que desenvolvem. A grande maioria dos castelos de escarpa da Palestina do século XIII (passivos), continha em suas muralhas e torres máquinas de guerra, túneis para ataques, bailéus, alambor, duas linhas de seteiras nas muralhas e todas as características arquitetônicas para possibilitar o ataque aos invasores. Mas não tinham mais a função de servir de base para grandes tropas de cavaleiros cruzados, que a partir dessas fortalezas iniciavam seus ataques e razias contra os muçulmanos. Sua “passividade” era definida por não ter função de ataques externos e ser construído em um local praticamente inacessível, que dificultava em muito qualquer tipo de investida.

A melhor defesa é a inacessibilidade, e isso é provido por um precipício e ravina, tornados mais efetivos por um muro ou fosso. Muitos lugares são efetivamente fortalezas, simplesmente em virtude de sua inacessibilidade (Smail: 1956, 217).

Os castelos *castrum* não tinham uma arquitetura militar tão bem desenvolvida para ataque e defesa, como os castelos de escarpa, mas serviram de centros de operações para a expansão no território da Palestina, sendo assim definidos como de defesa ativa.

Pode-se classificar o castelo de Arsur através de duas definições: quanto à sua arquitetura militar e quanto à sua função militar. As características arquitetônicas do castelo de Arsur podem ser classificadas como de defesa ativa, ou seja, este foi construído tendo em vista atacar os seus invasores. Arsur é uma fortaleza concêntrica, característica típica de defesa ativa, que tende a dificultar ao máximo a penetração inimiga. As linhas de defesa só podem ser tomadas uma a uma, enquanto os defensores recuam e se reorganizam em linhas de defesa mais internas. Nessa formação concêntrica, temos fortificações: um fosso amuralhado (feito na rocha de *kurkar*) de aproximadamente 30 m de largura e 4 m de altura, uma linha de cortina externa com cerca de 5m de espessura e uma segunda linha de cortina interna com 3,5 metros de espessura; a segunda cortina era formada pelas paredes das dependências que cercavam o pátio interno⁶. O castelo continha túneis que conduziam tropas do seu interior (pátios interno e externo) até o fosso e ao porto.⁷

Encontrou-se nas escavações de 1999 e 2000, no lado interno das muralhas do castelo, na parede sul da sala ocidental, um nicho, que possivelmente serviu como uma posição de catapulta (Roll & Tal 1999:50). Devido à grande destruição, tanto da muralha interna como da externa, sobra apenas pouco mais que as bases das estruturas; assim, não temos como saber se Arsur tinha seteiras ou bailéus. Na base das muralhas não foram encontrados alambores.

A cortina externa do castelo de Arsur era composta por cinco grandes baluartes semicirculares salientes, interligados por uma curta extensão de muralha reta; estes permitiam o ataque para os flancos e melhor proteção das bases da estrutura. Até as primeiras escavações de 1999 (APXIII99a), pensava-se que o baluarte oeste fosse menor em sua semicircunferência, terminando em uma parede reta para leste, que conduzia ao interior do castelo. Nas escavações de 1999 e 2000 (APXIII99b e APXIV2000a) as intervenções desvelaram que a entrada do castelo, na realidade, encontrava-se dentro (protegida) do baluarte oeste e entre duas torres retangulares a oeste e semicirculares salientes a leste. A cortina interna continha quatro torres semicirculares salientes. Os invasores que passassem pela primeira linha ficariam encurralados entre as cortinas interna e externa (pátio externo). A arquitetura simétrica de Arsur o transforma em um excelente caso de castelo concêntrico.

Em termos de sua função, devido ao contexto histórico, pode-se classificar o castelo de Arsur como passivo. Foi construído em 1241, na última fase de fortificações francas, quando o objetivo era tentar manter a estreita faixa de terra que sobrava em posse dos cruzados. Em 1261, foi vendido aos Hospitalários, tendo-se em vista que os barões Ibelinos não tinham mais como defender o território contra os mamelucos. Em 1265 foi atacado e destruído.

A cidade fortificada de Arsur já não desenvolvia mais a função que tivera no início da dominação franca, quando servia de ponto de reorganização e fortalecimento dos exércitos cruzados, de onde partiram tropas para atacar e tomar Joppa (Runciman: 1954, II, 78-79; Prawer: 1975, I, 268-269). Embora o castelo de Arsur tenha mantido em seu interior cerca de 270 irmãos da Ordem dos Hospitalários (um número bastante representativo, para uma época de escassos efetivos guerreiros), nem Roll, nem Edbury⁸ fazem referência a ataques organizados ou saídas de Arsur, o que leva a crer que esse grande número de Hospitalários tinha a função de defesa da cidade e do castelo contra os mamelucos. Arsur tem características arquitetônicas ativas, mas foi construído para ter função passiva, ou seja, esperar ser atacado e não para atacar.

As informações acima expostas demonstram que definir uma fortificação como ativa ou passiva depende da relação de fatores, tais como contexto de construção, arquitetura e função. Um castelo pode ser considerado ativo, apenas porque serve de base para ataques, mesmo que não tenha condições arquitetônicas para suportar um assédio? Um castelo arquitetonicamente preparado para acossar seus sitiantes, mas que não tenha a função de base para ataques externos, deve ser considerado como passivo?

Um castelo de “atividade total” seria aquele que além de reunir todas as características arquitetônicas para atacar seus sitiantes, ainda servisse de sede para tropas com fins de ataque externo. O castelo de “passividade total” não poderia servir de base para forças de ataque externo e não teria recursos arquitetônicos para acossar seus invasores, dependendo principalmente da resistência e altura de suas torres e muralhas e da extensão e profundidade de seu fosso.

No presente item foi realizada uma análise dos diferentes tipos de funções defensivas que a arquitetura militar assume, segundo o contexto em que é empregada. Para tanto, foram comparadas fortificações de períodos, contextos e regiões diferentes. A função das fortificações européias demonstrou ser diferente, mesmo contendo o mesmo estilo arquitetônico, o castelo *castrum* e o castelo de escarpa. Mesmo assim, as

fortalezas orientais eram mais avançadas do que as ocidentais. O castelo franco tinha função basicamente militar e devia suportar as agressões das sofisticadas máquinas de assédio, desenvolvidas pelos muçulmanos. Muito do desenvolvimento da arquitetura militar Ocidental deve-se aos cruzados que retornavam às suas terras de origem, levando consigo as novas técnicas de ataque e novos métodos de construção de fortalezas adotados no Oriente.

Segundo Kennedy (1994:09), os castelos construídos nos reinos francos eram mais puramente militares que os ocidentais, que serviam também como residência e centros administrativos. Para o autor “o castelo cientificamente planejado como máquina de guerra, certamente atingiu seu apogeu no Oriente, em grandes construções como Margat e o Crac dos Cavaleiros” (Kennedy: 1994, 9).

A ESTRUTURA ARQUITETÔNICA DO CASTELO DE APOLLONIA-ARSUF

Os vestígios francos de Arsuf estão entre o mais impressionantes da costa da Terra Santa, especialmente sua fortaleza (Benvenisti 1970:134)

A estrutura do castelo de Arsur, mesmo com as escavações sistemáticas iniciadas em 1998, ainda não foi totalmente evidenciada, faltando realizar escavações no pátio externo, ao redor do monte onde o castelo está construído, no fosso e nos subterrâneos. De qualquer forma, os elementos arquitetônicos expostos até o final de 2000 permitem que se estabeleçam algumas hipóteses quanto às suas estruturas arquitetônicas. Cabe lembrar que, conforme avançam os trabalhos em Arqueologia, as interpretações se modificam. As descrições e interpretações que seguem são baseadas nos dados recolhidos pelo autor deste artigo, em 1999 e 2000 (APXIII e APXIV2000), durante as atividades de campo. A fonte dos dados aqui contidos foram retiradas, em grande parte, de diários de campo meus e do coordenador geral das escavações em Israel (Prof. Israel Roll, TAU), não havendo, ainda, nenhuma publicação referente ao estudo e análise das estruturas desveladas ou sobre os trabalhos de consolidação de estrutura realizados em 2000 em Arsur.

Os moinhos, fornos, cisternas, estrebaria, refeitório, capela e demais dependências encontrados no castelo de Arsur, levam a pensar, assim como nos demais castelos pesquisados, em uma tentativa de autonomia, de auto-suficiência em relação à cidade na qual estava inserido.

Isto é reforçado pela afirmação de Fedden (1950:18), sobre as fortificações costeiras, que obrigatoriamente deveriam ser independentes das cidades nas quais estavam construídas.

As pessoas que habitavam o castelo tinham a capacidade de produzir seus alimentos (produção de farinhas nos moinhos e alimentos poderiam ser preparados para muitas pessoas nos fornos), armazenar grãos (ainda não foram encontrados silos para armazenagem de grãos em Arsur) e água em cisternas. A vida religiosa, tão importante para a época, podia ser realizada na capela, sem deixar a proteção do castelo.

Na ala leste, a longa sala da capela (12m x 05m) foi totalmente escavada, em 1999. A sua disposição segue a orientação da entrada a oeste, onde se põe o sol, e seu altar a leste, onde nasce o sol. As paredes da capela possivelmente estavam revestidas de mármore, suspenso por pinos de metal; atualmente restam apenas as marcas dos pinos.

O significado da longitudinalidade refere-se ao caminho da salvação, que o fiel cristão devia percorrer da entrada da igreja (local mundano) até o altar, junto a hóstia (a salvação). Interessa, contudo, é reconhecer que a orientação dada ao edifício inspira-se na cruz latina, reservando-se para o altar, onde se situa a imagem da cabeça do Cristo crucificado, o Leste, lugar da luz e do sol nascente. A Oeste, a fachada e a suposta imagem dos pés do Cristo crucificado, por onde o fiel sai do mundo e entra no corpo da igreja (Brandão 1999:44).

Dos seis fornos existentes, cinco pertencem ao que está sendo chamado de cozinha do castelo, localizado ao lado do refeitório; o sexto forno, muito maior que os outros e ao lado do moinho, encontra-se no pátio interno. Uma possibilidade apresentada pelo Prof. Roll, para explicar o forno maior, localizado no pátio, seria de que ele é posterior aos fornos existentes na “cozinha” e teria sido construído para resolver a necessidade de maior produção de alimentos no castelo. Essa explicação é plausível, tendo-se em vista a retomada de território pelos muçulmanos e a fuga da população franca que habitava o interior da Palestina, no século XIII, para cidades costeiras onde os cruzados ainda detinham algum tipo de domínio. Possivelmente a cidade e o castelo de Arsur tenham abrigado, em sua fase final (1265), um número considerável de refugiados, assim como ocorreu na maioria das cidades costeiras. Acre, último reduto de dominação cruzada, em sua tomada pelos muçulmanos, em 1291, contava com uma superpopulação se comparada a original.

A maior parte dos francos expulsos das outras cidades da Palestina, lá se havia refugiado com suas riquezas; a cidade [Acre] ha-

Isto é reforçado pela afirmação de Fedden (1950:18), sobre as fortificações costeiras, que obrigatoriamente deveriam ser independentes das cidades nas quais estavam construídas.

As pessoas que habitavam o castelo tinham a capacidade de produzir seus alimentos (produção de farinhas nos moinhos e alimentos poderiam ser preparados para muitas pessoas nos fornos), armazenar grãos (ainda não foram encontrados silos para armazenagem de grãos em Arsur) e água em cisternas. A vida religiosa, tão importante para a época, podia ser realizada na capela, sem deixar a proteção do castelo.

Na ala leste, a longa sala da capela (12m x 05m) foi totalmente escavada, em 1999. A sua disposição segue a orientação da entrada a oeste, onde se põe o sol, e seu altar a leste, onde nasce o sol. As paredes da capela possivelmente estavam revestidas de mármore, suspenso por pinos de metal; atualmente restam apenas as marcas dos pinos.

O significado da longitudinalidade refere-se ao caminho da salvação, que o fiel cristão devia percorrer da entrada da igreja (local mundano) até o altar, junto a hóstia (a salvação). Interessa, contudo, é reconhecer que a orientação dada ao edifício inspira-se na cruz latina, reservando-se para o altar, onde se situa a imagem da cabeça do Cristo crucificado, o Leste, lugar da luz e do sol nascente. A Oeste, a fachada e a suposta imagem dos pés do Cristo crucificado, por onde o fiel sai do mundo e entra no corpo da igreja (Brandão 1999:44).

Dos seis fornos existentes, cinco pertencem ao que está sendo chamado de cozinha do castelo, localizado ao lado do refeitório; o sexto forno, muito maior que os outros e ao lado do moinho, encontra-se no pátio interno. Uma possibilidade apresentada pelo Prof. Roll, para explicar o forno maior, localizado no pátio, seria de que ele é posterior aos fornos existentes na “cozinha” e teria sido construído para resolver a necessidade de maior produção de alimentos no castelo. Essa explicação é plausível, tendo-se em vista a retomada de território pelos muçulmanos e a fuga da população franca que habitava o interior da Palestina, no século XIII, para cidades costeiras onde os cruzados ainda detinham algum tipo de domínio. Possivelmente a cidade e o castelo de Arsur tenham abrigado, em sua fase final (1265), um número considerável de refugiados, assim como ocorreu na maioria das cidades costeiras. Acre, último reduto de dominação cruzada, em sua tomada pelos muçulmanos, em 1291, contava com uma superpopulação se comparada a original.

A maior parte dos francos expulsos das outras cidades da Palestina, lá se havia refugiado com suas riquezas; a cidade [Acre] ha-

via aumentado, tanto em extensão como em número de habitantes (Michaud: 1956, V, Livro XVIII, 316)

Conforme Boas (1998, 143), no final do século XII a população franca se “abarrota”, nas últimas cidades litorâneas. Essa situação se agravou com a ofensiva mameluca e sua política de “terra arrasada”, na segunda metade do século XIII⁹. Nesse período, as cidades litorâneas do Levante franco, passaram a ser ampliadas, com o surgimento de novos subúrbios, criados pelas populações francas em fuga. Este fato é observado em Acre e em Arsuf, onde a cidade foi expandida a leste para abrigar um subúrbio desprotegido, que se havia desenvolvido junto a sua muralha.

Tão logo assumiram [a cidade], os Hospitalários começaram a fortalecer-la e muraram um subúrbio indefeso que tinha se desenvolvido a leste da cidade. Na ocasião uma trégua estava em vigor entre os francos e os muçulmanos, Baybars viu no trabalho da fortificação uma infração do armistício que proibia o fortalecimento de defesas. (Benvenisti, 1970:132, grifo meu)

Conforme Benvenisti (1970, 87), após a retomada de Acre, pelos francos em 1191, mesmo com a proibição de moradia para muçulmanos e judeus e com a partida dos cruzados para tomarem Jaffa e Ascalon, a cidade tornou-se mais populosa. A pressão demográfica dentro da cidade conduziu à rápida expansão do quarteirão de Montmusard, ao norte e fora dos muros da cidade, permanecendo sem fortificação até meados do século XIII.

Estas informações podem vir a confirmar as hipóteses do Prof. Roll, uma vez que a população que habitava o castelo também pode ter aumentado, com cavaleiros e nobres fugitivos de outras cidades. Conforme Roll & Tal (1999:16), Benvenisti (1970:132) e Marshall (1992:217), existiam 270 cavaleiros Hospitalários no castelo e 2000 guerreiros na cidade quando esta foi atacada; uma quantidade de homens muito expressiva, principalmente em uma fase de deficiência de contingentes. Estes números ficam mais claros se compararmos com os efetivos que protegiam Acre, então capital do Reino de Jerusalém, em 1291, quando foi destruída pelos mamelucos: 14 mil soldados de infantaria para proteger a cidade e 800 cavaleiros entre nobres, Templários e Hospitalários (Benvenisti 1970:91).

Conforme análise da estrutura arquitetônica do castelo de Arsuf, pode-se apreciar o melhor da arquitetura militar do século XIII,

no que tange ao estilo das fortalezas *castrum*. Foi construído de forma concêntrica, com três linhas de defesa (fosso, cortina interna e externa). O seu fosso, além de representar um grande obstáculo físico a ser transposto, devido à sua altura e largura, dificultava em muito o trabalho de sapadores, uma vez que foi construído na rocha de *kurkar* e depois amuralhado. A parede externa do fosso, assim como as estruturas internas do castelo, tinham uma primeira camada externa de pedras estilo *bossed*, bem talhadas, bem encaixadas e quase todas do mesmo tamanho; e uma segunda camada de pedras grosseiramente trabalhadas e mal encaixadas umas nas outras. As bases das muralhas dos baluartes que cercavam o castelo serviam como parede interna do fosso amuralhado.

Suas torres (internas) e baluartes (externos) eram semicirculares e salientes, apresentando dessa forma um dos maiores aperfeiçoamentos da arquitetura militar medieval, que possibilitava o ataque para os flancos, permitia uma melhor defesa das bases das muralhas, maior resistência contra o impacto da artilharia, além de tornar mais curta a distância para o tiro de arco, o que aumentava a sua força e precisão. No caso de Arsur as torres internas estão a uma distância média de 20 m umas das outras, um tiro de arco comum podia alcançar mais de 40 metros¹⁰. Com isso, os arqueiros posicionados nas torres internas de Arsur podiam atingir os invasores que estivessem próximos ao fosso¹¹, os posicionados nos baluartes podiam atingir inimigos que estivessem a uma distância de 20 m do fosso¹².

A única entrada do castelo estava entre duas torres, semicirculares e salientes, o que permitia encurralar os invasores. Seu portão era fortemente defendido; os vestígios encontrados nas paredes e no chão da entrada indicam a existência de um portão de “folha” dupla e uma grade vertical, da qual permaneceram nas laterais da entrada do castelo, os sulcos onde ela corria.

A principios del siglo XII llegó a Gran Bretaña un nuevo tipo de portón, el rastrillo. Era una pesada reja de madera reforzada con hierro que podía subir y bajar en lugar de girar sobre unos goznes. La guarnición podía subirlo y bajarlo desde el habitáculo situado sobre el corredor, donde se alojaba el rastillo cuando no se utilizaba. Es fácil detectar dónde há existido uno. El hueco del techo por el que descendía puede haber sido cegado, pero normalmente han sobrevivido los surcos laterales por los que se deslizaba para bajar. (Cairns 1992:25, grifo meu)

Até o momento, foram descobertas três cisternas (duas com revestimento de reboco), uma na “cozinha”, uma na entrada do “refeitório” e a maior de todas (sem revestimento), localizada ao noroeste do pátio externo. Somente com o fim das escavação do fosso e do pátio interno será possível averiguar se existem outras. Dez metros a leste da grande cisterna, encontra-se a única passagem entre pátio interno e externo (fora o portão principal), facilitando assim o acesso à água. O fato do maior reservatório de água (até agora encontrado) estar fora do pátio interno, em um castelo de constituição fundamentalmente “militar”, parece pouco aceitável. Caso o pátio externo fosse tomado, os defensores teriam que resistir com duas pequenas cisternas.

A entrada para o interior da fortificação era indireta, ou seja, a entrada para o pátio externo não estava em linha reta com o portão do castelo. A pessoa que entrasse no pátio externo de Arsur, saía em frente a uma muralha interna, para qualquer dos lados (direito ou esquerdo) que escolhesse caminhar, estaria flanqueada por uma torre saliente semicircular. Para entrar no castelo era necessário fazer um trajeto em forma de “Z”.¹³

Seu pequeno pátio interno, 24m de comprimento por 20m de largura (comparado com outros castelos¹⁴) possivelmente demonstra que foi construído para abrigar apenas a guarnição de defesa e os nobres, e não um grande número de pessoas sem função militar. Isto se torna mais aceitável se levarmos em consideração que o castelo de Arsur é uma fortificação urbana: grande parte de seus defensores podia correr ao castelo somente em caso de combate. Os próprios servos, ajudantes e pessoas encarregadas de manipularem as máquinas de guerra (sempre muito mais numerosos que os cavaleiros, sargentos ou irmãos das ordens militares) poderiam viver na cidade. Outro fator que leva a pensar em um castelo com apenas sua guarnição habitando-o, está no fato da cidade de Arsur também ser fortificada, possibilitando a defesa de seus moradores.

O castelo de Arsur foi construído na parte que hipoteticamente seria a mais protegida dentro da cidade, sobre um promontório, que lhe permitia domínio estratégico no canto noroeste, junto ao mar. O lado oeste do castelo estava em uma falésia de 30m de altura, a beira mar, o que o tornava mais difícil de ser atacado e mais seguro para uma fuga; logo, a torre de menagem, principal estrutura e habitação dos cavaleiros e barões, também foi construído a oeste, sobre o porto.

Arsur foi construído em um período de aperfeiçoamento das máquinas de assédio mamelucas (meados do século XIII), principalmente as de artilharia. Esse fator foi levado em consideração e se expressa na arquitetura de formas arredondadas, fosso amuralhado muito largo e duas

espessas linhas de paredes, que tiveram papel decisivo em sua “prolongada” resistência. Conforme Kennedy (1994:133), as seis semanas de resistência de Arsur foram as mesmas de fortalezas maiores, melhor protegidas e mais poderosas em sua arquitetura como Acre (1291), Atlit (1291), Cesaréia (1265), Saphed (1266), Crac dos Cavaleiros (1271) e Margat (1285), demonstrando que o castelo estava preparado para enfrentar as novas técnicas de assédio muçulmana.

Conforme Roll & Tal (1999:17), Benvenisti (1970:133), Kennedy (1994:113) e Marshall (1992:234), Arsur resistiu aos ataques da artilharia mameluca e ataques frontais as muralhas, sendo finalmente vencida pelas minas, que os mamelucos também tiveram muita dificuldade de executar; estas provocaram o desmoronamento de parte da muralha externa e a invasão do exército muçulmano ao pátio externo. Prova da grande resistência oferecida pela guarnição e estrutura do castelo de Arsur está na referência que Marshall (1992) faz ao modo que os mamelucos tratavam seus adversários. Quanto maior a resistência oferecida, maior a destruição infringida. Fortalezas e cidades que se entregavam sem luta, ou oferecendo pouca resistência, eram destruídas somente depois de seus habitantes se retirarem sob salvo conduto.

Os pavimentos do castelo de Arsur estavam cobertos com reboco, acima do qual estava uma grossa camada de incêndio, coberta por grandes pedras desabadas. Foram encontradas marcas de queima e fratura nas paredes internas do castelo, provocadas pelo efeito do fogo e marcas do impacto das pedras de catapulta na muralha externa. Mais de 600 pedras de catapulta foram encontradas entre as paredes caídas, bem como um grande número de pontas de flechas de ferro, muitas destas cravadas nas muralhas e paredes. Definiram-se como pedras de catapulta, tendo em vista que todas eram de pequeno porte, com menos de 25kg. Possivelmente, muitas das grandes pedras encontradas enterradas nos fossos da cidade e do castelo, junto aos pedaços das muralhas, sejam de armas balísticas de maior tamanho e peso, possivelmente arremessadas por *tribuchets*, utilizadas para destruir partes das muralhas externas com seu impacto.

Possivelmente os enormes pedaços das muralhas do castelo que foram derrubados de cima da colina na beira da praia de Herzliya também tenham sido deslocados no processo de destruição do castelo (minas), ou por efeito do mar após a destruição dos molhes (Roll & Tal 1999:17). Na metade da muralha norte da cidade (em frente à Área a), bem como no muro externo do fosso do castelo, um grande intervalo dessas estruturas é visível. Este intervalo pode ser um remanescente da brecha causada pelas máquinas de guerra mamelucas quando forçaram a entrada na cidade. Ca-

madras de destruição, também foram encontradas junto às muralhas da cidade (Áreas E, H, e J¹⁵), bem como no seu centro (Áreas B, C e D). Estes achados fornecem evidências tangíveis da batalha travada no castelo e de sua total destruição efetuada por Baybars.

A construção do castelo de Arsur está dentro de uma fase de fortificação da costa da Palestina como tentativa de defesa de um território franco cada vez mais ameaçado pela expansão mameluca. O castelo de Arsur é prova material das últimas tentativas francas de permanência no Levante.

O problema de interpretar e identificar estruturas arquitetônicas em sítios históricos é bastante recorrente, principalmente quando os vestígios encontram-se bastante danificados. Os elementos arquitetônicos ainda visíveis quase sempre acabam dando margem a diferentes interpretações sobre a função do edifício, ou de parte dele. Este é o caso do castelo de Arsur, bastante danificado por ser destruído em combate e, com certeza, saqueado após a sua destruição. Assim, reiteramos que muitas das definições expostas aqui podem vir a ser modificadas após escavações futuras.

NOTAS

1. Cf. planta baixa de um típico castrum bizantino, anexos, fig. 11.
2. Cf. planta baixa do castelo de Saone, demonstrando a irregularidade provocada pelo terreno. Cf. anexos, figura 12.
3. Cf. planta geral do sítio arqueológico de Apollonia-Arsuf, com a localização do castelo, ao Norte (no topo da planta, área F). Anexo, fig. 01.
4. Cf. foto em anexo do castelo de Arsur sobre o promontório artificial; anexos, figuras 13 e 14.
5. Cf. planta baixa do castelo de Arsur, anexos, figura 15.
6. Seguindo o padrão a cortina interna deveria ser mais alta que a externa.
7. Cf. planta baixa do castelo de Arsur. Anexo, fig. 15.
8. Cito estes dois autores porque o primeiro é o maior e principal responsável pelas pesquisas arqueológicas do castelo de Arsur e o segundo é o autor de uma das obras mais completas sobre os barões Ibelinos e suas posses (*John of Ibelin and the Kingdom of Jerusalem*, The Boydell Press, Woodbridge – Great Britain, 1997).
9. “O objetivo principal da política muçulmana, nessa guerra, era destruir o que os cristãos tinham feito, não deixar nas costas da Síria nenhum vestígio do seu poder, nada que para lá pudesse atrair, para o futuro, os príncipes e guerreiros do Ocidente...” (Michaud 1956: V, Livro XVIII, 315-316)
10. O padrão de distância entre as torres de um castrum era de 40 metros.

11. A média de distância entre as torres internas e a borda externa no fosso de Arsur esta entre 35 e 40m.
12. Cf. planta baixa do castelo, anexo, fig. 15.
13. Cf. planta baixa do castelo de Arsur. Anexo, fig. 15.
14. Belvoir: 40x40, Hunin: 40x40, Chastelet: 140x65, Maldoin: 50x50, Castellum Arnald: 80x40, Habonin: 58x50
15. Cf. plano geral do sítio de Apollonia-Arsuf, anexos, fig. 1.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTI, M. *The Crusaders in the Holy Land. Jerusalem*. Jerusalem : Israel Universities Press, 1970.
- BOAS, A. The Frankish Period: A Unique Medieval Society Emerges. *Near Eastern Archaeology*, Boston, v. 61, n. 3, September 1998.
- BRANDÃO, C. L. *A Formação do Homem Moderno Vista Através da Arquitetura*. Belo Horizonte : Ed. UFMG, 1999.
- CAIRNS, C. *Los Castillos Medievales*. Madrid : Ed. Akal, 1992.
- EDBURY, P. W. "John of Ibelin and the Kingdom of Jerusalem". Woodbridge : The Boydell Press, 1997.
- ELLENBLUN, R. Three Generations of Frankish Castle-Building in the Latin Kingdom of Jerusalem. In: BALARD, M. (Ed.). *Autour de la première Croisade*. Actes du Colloque de la Society for the Study of the Crusades and the Latin East (Clermont-Ferrand, 22-25 juin 1995). Paris : Publications de la Sorbonne, 1996.
- FEDDEN, R. *Crusader Castles: A Brief Study in the Military Architecture of the Crusaders*. London : Ed. Art & Technics, 1950.
- GUÉRIN, V. *Description géographique, historique et archéologique de la Palestine: Samarie II*. Paris : s/e, 1875.
- KENNEDY, H. *Crusader Castles*. New York : Ed. Cambridge University Press, 1994.
- LAWRENCE, T. E. *Crusader Castles (A new edition)*. Oxford : Clarendon Press, 1988.
- MARSHALL, C. "Warfare in the Latin East, 1192-1291". Cambridge : s/e, 1992.
- MICHAUD, J-F. *História das Cruzadas*. São Paulo : Editora das Américas. V. V, VI e VII. S/d.
- PRAWER. *The Latin Kingdom of Jerusalem: European Colonialism in the Middle Ages*. London : Weidenfeld and Nicolson, 1972.
- RAMOS, L. G-G. *Papado, Cruzadas Y Órdenes Militares: Siglos XI-XIII*. Madrid : Ed. Cátedra, 1995.

ROLL, I. TAL, O. *Apollonia-Arsuf: Final Report of the Excavations*. Jerusalem : Emery and Claire Yass Publications in Archaeology, 1999. v. I: The Persian and Hellenistic Periods (with Appendices on the Chalcolithic and Iron Age II Remains).

RUNCIMAN, S. *História das Cruzadas - v. I-III*. Lisboa: Livros Horizontes, 1992.

SMAIL, R.C. *Crusading Warfare 1097-1193*. New York : Cambridge, 1956.

TOY, S. *Castles: Their Construction and History*. New York : Ed. Dover, 1984.